

CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS – UNIFIP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
LETRAS CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
PORTUGUÊS-INGLÊS

A LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL: AS ADAPTAÇÕES DO AUTO
DA COMPADECIDA DA OBRA LITERÁRIA AO AUDIOVISUAL

KAREN SIMÕES CORDEIRO

PATOS-PB
2026.1

KAREN SIMÕES CORDEIRO

**A LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL: AS ADAPTAÇÕES DO AUTO
DA COMPADECIDA DA OBRA LITERÁRIA AO AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Letras Português-Inglês do
Centro Universitário de Patos –
UNIFIP - como requisito para o título
de Licenciado em Letras Português-
Inglês.

Orientador: Me. Daniel Leite da
Silva Justino

PATOS-PB

2026.1

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Cordeiro, Karen Simões.

C793l A Literatura como Expressão Cultural: as adaptações do auto da compadecida da obra literária ao audiovisual. / Karen Simões Cordeiro. – Patos – PB: UNIFIP, 2026.
20 fls.

Orientador (a): Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino.
Artigo, Graduação Licenciatura em Letras – Português/Inglês.

1. Literatura comparada. 2. Auto da Compadecida. 3. Letramento literário. 4. Tradução intersemiótica. 5. Educação. I. Título.
II. Centro Universitário - UNIFIP

UNIFIP/BC

CDU: 80

Yasmim Caroline A. Nóbrega – Bibliotecária. CRB 15/1086

A LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL: AS ADAPTAÇÕES DO AUTO DA COMPADECIDA DA OBRA LITERÁRIA AO AUDIOVISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português-Inglês do Centro Universitário de Patos – UNIFIP - como requisito para o título de Licenciado em Letras Português-Inglês.

Orientador: Me. Daniel Leite da Silva Justino

DATA DE APROVAÇÃO: 27/ 05 / 26

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



DANIEL LEITE DA SILVA JUSTINO
Data: 05/06/2026 11:31:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino

Centro Universitário de Patos - UNIFIP

(Orientador)

Documento assinado digitalmente



MARIA LIDIJANY GOMES RODRIGUES
Data: 04/06/2026 23:34:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Maria Lidijany Gomes Rodrigues

Centro Universitário de Patos - UNIFIP

(Membro Interno)

Documento assinado digitalmente



JOSE SANTANA DA SILVA SEGUNDO
Data: 03/06/2026 16:45:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. José Santana da Silva Segundo

Centro Universitário de Patos - UNIFIP

(Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e perseverança ao longo de toda essa caminhada. Sem Ele, nada disso seria possível. A Ele, toda honra e toda a glória, pois tudo o que estou vivendo é fruto de Suas promessas.

“Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel.” (Hebreus 10:23)

Aos meus familiares, que estiveram ao meu lado de forma direta e indireta, oferecendo apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos, especialmente à minha mãe, Cida e a Dapaz, pelo amor, dedicação e por nunca medirem esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus colegas de turma, com quem compartilhei aprendizados, desafios e conquistas ao longo desses quatro anos, tornando essa trajetória mais leve e significativa.

Aos professores, pela orientação, paciência e contribuição essencial para a minha formação acadêmica e pessoal.

Gostaria de agradecer também ao meu orientador, Prof. Me. Daniel Leite, pela dedicação e orientação ao longo deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Maria Lidjany e Prof. Segundo Santana, pelas contribuições e avaliações.

Ao coordenador do curso, Diogo Araújo, pela dedicação, compromisso e apoio.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente estudo aborda a relação entre a literatura e suas manifestações multimodais, focando na transposição da narrativa sertaneja para as telas. O objetivo é examinar a importância da literatura comparada como estratégia pedagógica, utilizando como objeto de análise a obra teatral *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e sua adaptação audiovisual dirigida por Guel Arraes. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e exploratória, fundamentada no método comparativo e na análise intersemiótica, estruturada em etapas de levantamento bibliográfico, análise de cenas-chave e reflexão sobre a transposição didática no ambiente escolar. Os resultados demonstram que a migração do texto para o audiovisual constitui um processo criativo que preserva a essência do Movimento Armorial, ao mesmo tempo em que incorpora recursos sonoros e performáticos que humanizam os arquétipos literários. Conclui-se que a integração de linguagens contemporâneas no currículo é fundamental para superar o desinteresse discente e promover o letramento literário, permitindo que o aluno se reconheça na narrativa e desenvolva uma análise crítica sobre as realidades sociais, reafirmando a literatura como um organismo vivo e uma ferramenta de resistência cultural.

Palavras-Chave: Literatura Comparada. *Auto da Compadecida*. Letramento Literário. Tradução Intersemiótica. Educação.

ABSTRACT

This study examines the relationship between literature and its multimodal manifestations, focusing on the adaptation of the sertanejo narrative for the screen. The objective is to examine the importance of comparative literature as a pedagogical strategy, using as the object of analysis the play *Auto da Compadecida* by Ariano Suassuna and its audiovisual adaptation directed by Guel Arraes. The methodology adopted is qualitative and exploratory in nature, grounded in the comparative method and intersemiotic structured in stages involving a literature review, analysis of key scenes, and reflection on the didactic adaptation within the school setting. The results demonstrate that the transition from text to audiovisual media constitutes a creative process that preserves the essence of the Armorial Movement, while incorporating sound and performance elements that humanize the literary archetypes. It is concluded that the integration of contemporary languages into the curriculum is essential to overcome disinterest. To foster student engagement and promote literary literacy, enabling students to identify with the narrative and develop a critical analysis of social realities, thereby reaffirming literature as a living organism and a tool for cultural resistance.

Keywords: Comparative Literature. *Auto da Compadecida*. Literary Literacy. Intersemiotic Translation. Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL.....	10
2.1 O Autor e a Obra.....	11
2.2 Do Texto ao Audiovisual.....	13
2.3 As Adaptações do Auto da Compadecida.....	16
3 METODOLOGIA.....	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

A relação entre a literatura e suas demais manifestações artísticas e culturais constitui um dos pilares mais ricos da formação cultural de uma sociedade. No cenário brasileiro, principalmente na região nordestina, essa relação ganha contornos específicos quando observamos a transposição de narrativas do sertão para as telas, em um movimento que disponibiliza o acesso ao texto literário e ressignifica a identidade regional.

A literatura, longe de ser um sistema isolado, funciona como uma estrutura de constante diálogo com o seu tempo, exigindo que as práticas educativas acompanhem, cresçam e evoluam para as novas linguagens contemporâneas e as adaptações de obras para o cinema e a televisão. Nesse sentido, a mudança do literário para o audiovisual não se limita a uma simples reprodução, mas constitui um processo criativo que reafirma a literatura como um campo dinâmico, capaz de dialogar com diferentes mídias e contextos culturais.

O presente trabalho visa examinar a importância da literatura comparada voltada para a leitura no contexto educacional dos discentes, intitulado "A Literatura como Expressão Cultural: as adaptações do Auto da Compadecida da obra literária ao audiovisual". O estudo propõe uma análise intersemiótica, estabelecendo um diálogo entre o texto teatral de Ariano Suassuna e suas transposições para o cinema e a televisão, compreendendo como essas diferentes linguagens se complementam na formação do leitor contemporâneo.

A partir desse contexto, o problema que motiva esta pesquisa reside na dificuldade de integração de linguagens multimodais no currículo escolar. Muitas vezes, o ensino de literatura limita-se à decodificação do texto escrito, constantemente ignorando as potencialidades das adaptações audiovisuais como ferramentas de potencialização. Sobre essa temática, questiona-se: de que forma a literatura comparada pode atuar como estratégia pedagógica para superar o desinteresse discente e promover o letramento literário? A falta de práticas que conectem o clássico ao contemporâneo pode impactar negativamente a trajetória acadêmica, afetando a capacidade de análise crítica e a compreensão de diferentes realidades sociais.

Este estudo fundamenta-se na necessidade de reconhecer a literatura como um organismo vivo e mutável. Ao utilizar a obra de Suassuna, rica em elementos do

folclore nordestino e da cultura popular, o educador possibilita que o aluno se reconheça na narrativa. A relevância desta pesquisa reside em demonstrar que a comparação entre o livro e o filme não deve servir para apontar "qual é melhor", mas para expandir o repertório cultural do estudante.

2 Literatura como Expressão Cultural

A literatura sempre ocupou um papel fundamental na construção da identidade de um povo, funcionando como um meio de registrar experiências, valores e visões de mundo. Ao longo da história, diferentes sociedades utilizaram a produção literária como forma de preservar memórias coletivas e transmitir saberes entre gerações.

A literatura não é apenas entretenimento, mas um instrumento de reflexão social e cultural. Segundo Antonio Candido (1988), a literatura é um direito humano, pois permite ao indivíduo compreender melhor a realidade em que está inserido. Além disso, ela contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da sensibilidade. No contexto brasileiro, a literatura assume ainda a função de representar a diversidade cultural do país, dando voz a diferentes regiões e grupos sociais.

Por meio das narrativas, é possível identificar costumes, crenças e conflitos que marcaram determinada época. Dessa forma, a literatura atua como um espelho da sociedade, ao mesmo tempo em que influencia transformações culturais. Assim, compreender a literatura como expressão cultural é reconhecer sua importância na formação social e histórica.

A relação entre a literatura e suas múltiplas manifestações constitui um dos pilares mais ricos da formação cultural de uma sociedade, ganhando contornos específicos no cenário brasileiro ao observar a transposição de narrativas do sertão para as telas. Esse movimento não apenas democratiza o acesso ao texto literário, mas ressignifica a identidade regional, demonstrando que a literatura funciona como uma estrutura em constante diálogo com o seu tempo.

Sob a ótica da Literatura Comparada, conforme Tania Carvalhal (1986), o fenômeno literário é entendido como uma rede de intersecções que rompe com a ideia de pureza do texto escrito para investigar como as obras migram entre suportes. Ao confrontar o texto teatral de *O Auto da Compadecida* com a adaptação

audiovisual de Guel Arraes, percebe-se que a essência do Movimento Armorial de Ariano Suassuna sobrevive e se expande, utilizando a comparação não para apontar superioridades, mas para compreender como a obra se adapta ao espectador contemporâneo sem perder sua crítica social e religiosidade sincrética.

A literatura exerce uma função social fundamental ao atuar como um espelho das tensões e crenças de uma sociedade. Roland Barthes (1987) argumenta que a literatura é "o grafo da língua", onde a cultura se manifesta em toda a sua complexidade simbólica. No cenário brasileiro, a representação regional encontra na literatura um terreno fértil para a preservação da memória. Sobre o regionalismo, Alfredo Bosi esclarece:

O regionalismo é o esforço para fixar as linhas de uma fisionomia moral e social que o progresso técnico e a unificação política tendem a apagar. É, no limite, uma forma de resistência cultural contra a descaracterização do ser" (1994, p. 382).

A literatura nordestina é marcada por uma estética que mistura o trágico e o cômico. Como destaca o próprio Ariano Suassuna, "a arte é o que nos permite suportar a realidade. O povo brasileiro transformou o sofrimento em riso através da esperteza de seus heróis"(1974, p. 12). Essa característica é o pilar do Auto da Compadecida, onde João Grilo utiliza a oralidade como ferramenta de sobrevivência.

2.1 O Autor e a Obra

Falar de Ariano Suassuna é, antes de tudo, falar de uma resistência poética que se recusa a ver a cultura brasileira ser diluída por influências externas descontextualizadas. Nascido em Nossa Senhora das Neves (atual João Pessoa) em 1927, Ariano não foi apenas um escritor, mas um intelectual orgânico que dedicou sua vida a decifrar a alma do Brasil profundo. Sua importância transcende a literatura; ele foi o mentor do Movimento Armorial, cujo objetivo era criar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da música de pífano, a xilogravura de cordel e a heráldica do sertão. Para ele, a arte brasileira deveria ser um projeto de afirmação nacional, conforme afirmava: "A cultura brasileira é uma unidade, e o que chamamos de popular é a base onde o erudito deve fincar suas raízes para não ser uma cópia pálida do estrangeiro" (Suassuna, 1974, p. 15) .

A relevância cultural de Suassuna reside na sua capacidade de elevar o "popular" ao status de "clássico". Ele compreendia que a identidade nacional não

estava nos grandes centros cosmopolitas, mas na resistência do sertanejo, na oralidade dos repentistas e na estética do couro. Ao fazer isso, Ariano conferiu dignidade histórica ao povo nordestino, transformando o sotaque, a esperteza e a fé em elementos universais. Sua figura, marcada pelas "Aulas Espetáculo", humanizou o intelectual, aproximando o acadêmico do povo e provando que a alta cultura pode, e deve, rir de si mesma.

Escrita em 1955, *O Auto da Compadecida* surge em um Brasil que fervilhava entre a tradição e o desejo de modernização. Naquele momento, Ariano estava profundamente imerso na busca por uma dramaturgia que fosse autenticamente brasileira, mas que dialogasse com a tradição milenar do teatro. Segundo a crítica de Ligia Vassallo, a genialidade da obra reside no fato de que "o teatro de raízes ibéricas e medievais encontrou no sertão brasileiro o seu terreno mais fértil, permitindo que o auto religioso se tornasse um espelho das nossas próprias contradições sociais" (Vassallo, 1993. p. 110). O autor escreveu a peça em um período de amadurecimento técnico, buscando nas raízes medievais e nos autos católicos uma estrutura que pudesse comportar a realidade do Nordeste.

O contexto de produção é marcado pela transição: o Brasil via o surgimento do Cinema Novo e o crescimento da televisão, mas Suassuna olhava para trás, para os romances de cordel e para as figuras do teatro de bonecos (o Mamulengo). A obra foi encenada pela primeira vez em 1956, no Recife, e rapidamente se tornou um fenômeno. Ela nasceu sob a égide da "misericórdia": em um país marcado por desigualdades sociais abismais, Suassuna criou um texto onde o julgamento final não era feito apenas pela lei fria, mas pela compreensão das dificuldades humanas, refletindo o sentimento de exclusão de boa parte da população brasileira daquela década.

O Auto da Compadecida é, em sua essência, uma celebração da estética popular. Suassuna utiliza a estrutura dos Autos Medievais peças de temática religiosa que visavam ensinar uma moralidade mas subverte essa lógica ao inserir o tempero do sertão. (Suassuna, 1974, s.p.).

O primeiro grande elemento é a presença do Pícaro, personificado em João Grilo. o herói popular não é aquele que vence pela força, mas aquele que, diante da injustiça do mundo, usa o riso e a astúcia como únicas ferramentas de resistência. Esse personagem, comum em diversas culturas, é o herói da sobrevivência: ele não

vence pela força ou pela moral ética impecável, mas pela inteligência e pela "esperteza" verbal, únicas armas de quem nada possui.

Outro pilar fundamental é a influência do Folheto de Cordel. A trama de João Grilo e Chicó bebe diretamente de histórias como "O Dinheiro do Morto" e "O Cavalo que Sabia Adivinhar". Suassuna transpõe a rima e o ritmo do cordel para o diálogo teatral, garantindo uma agilidade que prende o espectador. Além disso, a obra incorpora o Dualismo Maniqueísta de forma irônica: o céu e o inferno, o bem e o mal, são apresentados com figuras humanas, cheias de vícios e virtudes, tornando o sagrado algo próximo e palpável.

Por fim, a obra utiliza o Riso como Crítica Social. Através do cômico, Suassuna expõe as hipocrisias do clero (o Padre e o Bispo), a arrogância dos latifundiários (o Coronel Antônio Moraes) e a avareza dos comerciantes (o padeiro e sua mulher). O riso, no teatro de Ariano, não é vazio; é uma ferramenta de denúncia que, ao final, desemboca na necessidade de uma justiça divina que seja superior às falhas da justiça dos homens. É o teatro do povo, feito para o povo, elevando a voz do sertão ao patamar da literatura universal.

2.2 Do Texto ao Audiovisual

O conceito de adaptação literária é frequentemente debatido no campo da fidelidade. No entanto, Linda Hutcheon (2006), em sua obra *Uma Teoria da Adaptação*, define: As diferenças entre a linguagem escrita e audiovisual são técnicas e sensoriais. Robert Stam reforça que "[...] a fidelidade é um conceito quimérico, pois as mídias possuem gramáticas distintas" (2006, p. 25).

O que importa é a eficácia da tradução de uma sensibilidade cultural para uma nova forma de arte. A migração do texto para as telas é, portanto, um desafio de recriação estética que amplia o alcance da obra original. Essa passagem caracteriza-se como uma tradução de linguagens, onde o conteúdo da obra original é decodificado e transposto para uma nova gramática estética, a audiovisual, onde, segundo Julio Plaza, adaptar significa traduzir um sistema de signos para outro, como o som, a imagem e o movimento.

Enquanto na literatura o verbo é o centro da ação, no cinema ele ganha o suporte de uma estética visual que incorpora o barroco popular e uma sonoridade regional que dá tridimensionalidade à aridez do texto. A análise sistemática dessa

transposição revela que o suporte literário, focado em diálogos e rubricas, evolui para uma linguagem multimodal que utiliza a montagem e a performance para humanizar arquétipos, como o de João Grilo. A corporalidade e o sotaque conferidos ao pícaro no audiovisual transformam a astúcia verbal em algo visualmente palpável, facilitando o reconhecimento identitário e o pertencimento cultural do aluno que, muitas vezes, vê o clássico como um objeto distante da sua realidade.

Dando continuidade a essa reflexão, é fundamental compreender que a adaptação não deve ser lida como uma perda ou uma cópia empobrecida, mas como um ganho semântico que permite à obra habitar um espaço coletivo e compartilhado. No suporte literário, o autor utiliza a descrição para situar o leitor, mas no audiovisual essa função é delegada à direção de arte e à fotografia, transformando a palavra em uma experiência sensorial imediata. A aridez mencionada no texto original deixa de ser um adjetivo para tornar-se uma paleta de cores terrosas e uma iluminação dura que simula o sol a pino, isolando o indivíduo na vastidão do cenário através da profundidade de campo.

Essa transição exige uma condensação narrativa onde o fluxo de consciência, antes restrito ao pensamento, precisa ser exteriorizado por meio da encenação e de uma trilha sonora que atua como um narrador invisível, ditando o ritmo emocional que a literatura sugeria apenas pela pontuação. A montagem surge como a ferramenta definitiva dessa linguagem, criando conexões temporais e espaciais que a sintaxe verbal nem sempre alcança com a mesma rapidez plástica. A figura de João Grilo exemplifica com precisão essa eficácia da tradução intersemiótica, pois sua astúcia, antes inferida pela rapidez do diálogo escrito, ganha vida na performance do ator através do gesto, do olhar de soslaio e do tempo da comédia.

Essa corporificação é o que permite ao espectador sentir o pertencimento cultural, desmistificando a erudição do clássico ao apresentá-lo por meio de códigos contemporâneos e multimodais. Ao adaptar, o cineasta não busca a replicação, mas sim um diálogo que permite à obra sobreviver ao tempo, renovando seu fôlego a cada nova tecnologia de exibição. O audiovisual, portanto, não substitui o livro, mas o expande, criando uma nova camada de leitura onde o som, a imagem e o movimento trabalham em simbiose para traduzir a alma do texto para uma sociedade cada vez mais visual. Assim, a fidelidade dá lugar à eficácia da recriação, provando que a potência de uma história reside na sua capacidade de ser reinventada em diferentes suportes sem perder sua essência humana e social.

2.3 As Adaptações do Auto da Compadecida

A minissérie e o filme dirigidos por Guel Arraes tornaram-se marcos da cultura brasileira. Arraes utilizou uma linguagem moderna, inspirada na rapidez da edição televisiva, para dar um novo fôlego ao texto de 1955. O diretor seguiu a relação entre a máxima de Pietro Maria Bardi, que afirmava ser necessário "conhecer profundamente o que é eterno para ser verdadeiramente moderno"(1970, p. 45).

As principais mudanças em relação ao texto original envolveram a fusão de diferentes obras de Suassuna. Foram integrados elementos de O Santo e a Porca e Torturas de um Coração, criando uma trama mais complexa e dinâmica. Sobre essa construção visual, Ismail Xavier observa: "A imagem no cinema de adaptação não deve apenas ilustrar o texto, mas sim construir um espaço geográfico e mítico que ressoe a alma da obra literária, transformando o regional em um signo de alcance universal" (Xavier, 2005, p. 89).

Dessa forma, as adaptações de Arraes funcionaram como uma ponte entre a tradição teatral e a modernidade cinematográfica. Elas provaram que a sátira social e o humor de Suassuna são extremamente adaptáveis ao audiovisual, mantendo o foco na inteligência do sertanejo como ferramenta de resistência. Como aponta Linda Hutcheon (2011), a adaptação é uma "transposição declarada e extensiva", uma recriação que não diminui a obra original, mas a expande para novos horizontes sensoriais.

No campo educacional, essa integração de linguagens é fundamental para superar o desinteresse discente e promover o letramento literário, que Rildo Cosson (2006) define como um processo de construção ativa de sentido e inserção do indivíduo no mundo da escrita. A utilização da obra de Suassuna como ferramenta pedagógica permite uma alfabetização estética completa, onde o estudante aprende a analisar como a ironia e a crítica social são construídas tanto na escrita quanto na composição de cena. Robert Stam (2006) reforça essa ideia ao sugerir que as mídias possuem gramáticas distintas, e que a eficácia de uma adaptação reside na sua capacidade de traduzir sensibilidades culturais para novas formas de arte.

Um ponto emblemático dessa tradução é o Julgamento Final, onde o texto

literário focado na misericórdia ganha uma dimensão política e sincrética com a materialização de figuras como a Nossa Senhora negra. Essa escolha semiótica dialoga com as tensões sociais do Brasil e permite que o educador utilize o audiovisual não como um recurso paliativo, mas como um catalisador da capacidade analítica e transmidiática do discente.

Em suma, a transposição de *O Auto da Compadecida* evidencia que a literatura é um organismo vivo e mutável, capaz de manter sua relevância ao dialogar com diferentes mídias. Ao comparar sistematicamente o livro e o filme, observa-se que a obra audiovisual não anula o texto literário, mas, nas palavras de Julio Plaza (2003), realiza uma tradução intersemiótica que revigora os signos originais. O audiovisual atua como uma ponte que conecta o erudito ao popular e o clássico ao contemporâneo, reafirmando que a literatura, quando mediada por práticas multimodais, é uma ferramenta essencial de resistência cultural e formação crítica, permitindo que o aluno se reconheça na narrativa e compreenda a complexidade das realidades sociais que o cercam.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa delinea-se por meio de uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória, fundamentada no método comparativo e analítico. O objetivo não é estabelecer um juízo de valor sobre qual mídia é superior, mas sim investigar os processos de significação que ocorrem na passagem do texto literário para o audiovisual. O percurso é dividido em três etapas fundamentais que conectam a teoria à prática pedagógica.

A primeira etapa consiste no Levantamento Bibliográfico e Curadoria do Corpus. Este momento inicial foca na imersão teórica sobre a Literatura Comparada e a Tradução Intersemiótica, utilizando como base autores que discutem a linguagem híbrida e o letramento literário. O corpus de análise é definido pelo texto teatral original de Ariano Suassuna (1955) e pela minissérie/filme dirigida por Guel Arraes (1999/2000). A escolha dessas obras justifica-se pela sua relevância no cenário da cultura popular brasileira e pela riqueza de elementos nordestinos que permitem a análise da multimodalidade.

A segunda etapa dedica-se à Análise Comparativa e Intersemiótica. Aqui, o trabalho se debruça sobre o confronto direto entre as linguagens. O procedimento

envolve a seleção de cenas-chave como o surgimento de João Grilo, o incentivo ao "jeitinho" e o Julgamento Final para observar como as rubricas e diálogos do livro são traduzidos em recursos cinematográficos. Verificar-se como o "verbo" de Suassuna ganha novas camadas por meio da sonoplastia, da paleta de cores barroca e da interpretação dos atores. Esta fase busca identificar as expansões narrativas, onde o audiovisual incorpora elementos de outras peças de Suassuna para criar uma trama mais ágil e conectada.

A terceira e última etapa foca na Transposição Didática e Reflexão Pedagógica. Neste estágio, o percurso volta-se para a aplicação do estudo no contexto escolar. Investiga-se como a comparação entre as mídias pode ser utilizada como estratégia para promover o letramento literário dos discentes. O foco recai sobre o potencial da obra em gerar identificação e pertencimento, questionando de que forma a visualidade do cinema ajuda o aluno a decodificar as críticas sociais e os arquétipos presentes no texto clássico.

Nesse sentido o percurso com a síntese dos resultados, reafirmando a literatura como um organismo vivo que se fortalece ao dialogar com as novas tecnologias e linguagens contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transposição de O Auto da Compadecida da literatura para o audiovisual revela que a obra de Ariano Suassuna não é um monumento estático, mas um organismo vibrante que se renova ao habitar diferentes suportes. Ao longo deste estudo, ficou evidente que a adaptação dirigida por Guel Arraes não opera como uma mera cópia visual do texto teatral; pelo contrário, configura-se como uma tradução intersemiótica que amplia o alcance da estética armorial, tornando-a acessível e palatável às novas gerações sem sacrificar a densidade de sua crítica social e religiosa. No âmbito pedagógico, a pesquisa confirmou que a dicotomia

entre o "livro" e o "filme" é ultrapassada e contraproducente. A utilização da literatura comparada como estratégia de ensino demonstrou ser um caminho eficaz para romper a barreira do desinteresse discente. Ao integrar linguagens multimodais som, imagem e performance, o educador não está simplificando o saber, mas oferecendo ferramentas para um letramento literário mais profundo, onde o aluno deixa de ser um decodificador passivo de palavras para tornar-se um analista crítico de discursos.

A figura de João Grilo, transposta para as telas, serve como um elo identitário fundamental. A materialização da astúcia sertaneja em corpo e voz permite que o estudante se reconheça na narrativa, transformando o clássico literário em uma experiência de pertencimento cultural. O uso da obra como recurso didático promove o que chamamos de alfabetização estética: a capacidade de compreender que a arte, em qualquer suporte, é um reflexo das tensões e esperanças de um povo. Por fim, este trabalho reitera que a sobrevivência da literatura no currículo contemporâneo depende da sua capacidade de dialogar com as mídias atuais. O Auto da Compadecida prova que o regionalismo, quando bem mediado, alcança o universal.

A continuidade dessa reflexão exige que mergulhemos nas camadas mais profundas da estética armorial, idealizada por Ariano Suassuna. Ao transpor o texto para o audiovisual, Guel Arraes não apenas mudou o suporte, mas reinterpretou a própria brasilidade para um público saturado pela estética globalizada. O sucesso dessa transposição reside na manutenção do arquétipo do pícaro, representado por João Grilo, que encontra ressonância na tradição europeia, mas é rebatizado sob o sol do sertão para personificar a resiliência brasileira. No cenário educacional, a transposição audiovisual funciona como um catalisador de competências midiáticas. Quando o estudante confronta o texto dramático de 1955 com a minissérie de 1999, ele é desafiado a compreender o conceito de fidelidade criativa. A educação moderna demanda que o letramento vá além do domínio da gramática normativa; ele deve abarcar a leitura de planos cinematográficos, o uso do silêncio e a expressividade da trilha sonora. O som atua como narrativa, onde a música das bandas de pífano delimita o sagrado e o profano, enquanto a performance corpórea dá tridimensionalidade a conceitos que, no papel, poderiam parecer abstratos para um jovem do século XXI.

A obra rompe com a visão bucólica ou puramente miserabilista do Nordeste. No audiovisual, o sertão de Suassuna é colorido, vibrante e, acima de tudo,

intelectualmente ágil. Isso desafia o preconceito linguístico e cultural, frequentemente enraizado no ambiente escolar, ao mostrar que a fala matuta é o veículo de uma lógica sofisticada e sofisticada. O Julgamento Final, momento ápice da obra, serve como uma poderosa metáfora para o sistema jurídico e social brasileiro. Ao levar essa cena para a sala de aula através do filme, o educador pode discutir a hierarquia de classes e o papel da religiosidade popular como uma tática de sobrevivência frente à opressão institucional.

A resistência à leitura de clássicos muitas vezes nasce da distância temporal e vocabular; no entanto, a adaptação cinematográfica atua como um glossário visual. Ela não substitui o livro, mas cria uma fome pelo original. O aluno, ao visualizar o perrengue de Chicó e a vivacidade de João Grilo, sente-se convidado a retornar ao texto para descobrir o que a câmera não captou. A adaptação não é o fim da literatura, mas o seu renascimento em um ecossistema onde a imagem é a língua franca. Portanto, a análise intersemiótica revela que a obra de Suassuna é um palimpsesto: uma escrita sobre outra escrita que nunca apaga a anterior, mas a enriquece. O currículo de Língua Portuguesa e Literatura, ao adotar essa perspectiva híbrida, deixa de ser um museu de obras intocáveis para se tornar um laboratório de significações.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Guel (Dir.). **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Columbia Pictures; Globo Filmes; Lereby Productions, 2000. 1 DVD (104 min).
- BARDI, Pietro Maria. **Arte brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. Tradução de Andréia Guerini e Bruno Anselmi Matangrano. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- STAM, Robert. **A Literatura através do Cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.
- XAVIER, Ismail. **O Olhar e a Cena: Melodrama, Grotesco e Cinema**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.